

O regente-professor de canto: reflexões sobre formação e atuação profissional

GTE 04 – Canto coral: ensino, pesquisas e práticas em diferentes concepções e contextos

Comunicação

*Luís Gustavo dos Santos Laureano
UNICAMP
laureano.luisgustavo@gmail.com*

*Angelo José Fernandes
UNICAMP
angelojf@unicamp.br*

Resumo: Este trabalho, de natureza reflexiva, apresenta uma breve revisão bibliográfica sobre a função de preparador vocal a ser assumida por regentes corais. Esta reflexão faz parte de uma pesquisa mais ampla, que tem por objetivo investigar a importância da técnica vocal na construção da sonoridade de coros de diferentes características e estilos. Os elementos centrais do texto são: a natureza amadora da atividade coral, a necessidade do estudo de canto na formação de regentes corais, a função do regente como “professor de canto” de seu coro e, por fim, o papel da técnica como meio para se atingir performances mais expressivas.

Palavras-chave: Regência coral; Preparo vocal; Interpretação.

O presente trabalho é uma reflexão, baseada em revisão bibliográfica, sobre a atividade de regentes corais e sua relação com sua própria voz, com as vozes de seus cantores e, sobretudo com a “voz coletiva” de seu grupo coral. Parte de uma pesquisa mais ampla, que tem por objetivo investigar caminhos metodológicos para o preparo vocal de coros infantis, juvenis, adultos e de terceira idade, esta reflexão aborda a questão da formação e da atuação de regentes, no tocante ao seu conhecimento técnico-vocal, sua função de preparador vocal e sua habilidade em construir a sonoridade de seu grupo coral.

Partimos do fato de que reger um coro implica em estabelecer uma comunicação com os cantores, de modo a conduzi-los à expressão vocal por meio das obras que compõe o repertório do grupo. Regentes são elementos fundamentais na atividade coral e trazem consigo funções multidisciplinares. Cabe a ele ou ela imprimir a identidade sonora do seu

coro, buscando sua qualidade artística. Para tal, é necessário estar preparado musical e tecnicamente, incluindo neste preparo, um conhecimento da voz e da pedagogia do canto amplo o suficiente, para que possa auxiliar os cantores no exercício de uma prática eficiente e saudável. Em outras palavras, no tocante ao desenvolvimento técnico-vocal de um coro, cabe aos regentes, a função de ensinar canto aos membros de seu grupo. Fernandes (2009) enfatiza que

Independentemente de valor estético, período histórico e estilo, uma composição coral é uma proposta do compositor na qual, a partir de um texto, ele propõe o ritmo, o andamento, as diferentes frequências das vozes, a dinâmica e a expressão. Sua execução vai depender da realização correta da afinação, da articulação inteligível do texto, além de outras qualidades técnico-vocais do coro administradas pela competência do regente que, assumindo sua função de intérprete, deve moldar sua visão da obra expressando-a através da sonoridade resultante deste processo. (FERNANDES, 2009, p. 197)

Segundo uma estimativa apresentada pelo autor, pelo menos 95% dos cantores corais de todo o mundo não estudam canto individualmente, ficando sua formação vocal nas mãos de seus regentes. Para o autor, o regente pode ser considerado o primeiro e único professor de canto dos membros de seu coro e, sendo assim, espera-se que seja capaz de levá-los à compreensão dos principais componentes da técnica vocal. Além disso, “embora [alguns] possam estudar canto privadamente, eles ficam sob a instrução do regente durante um período muito maior por semana” o que torna a “a influência do regente, vocalmente falando, extensiva” (HEFFERNAN, 1982, p. 20).

Muito já foi discutido sobre a função que regentes devem assumir de preparar vocalmente seus cantores, uma vez que a atividade coral possui, em grande porcentagem, uma natureza amadora, e seus membros “aprendem a cantar” dentro do coro. Destacamos aqui o fato de que música coral é música vocal e, ao assumir a regência de coros, regentes precisam abraçar tudo que a envolve, a começar por sua fonte sonora primária, a voz. Para Fernandes (2006, p. 55), preparar vocalmente um grupo de cantores, especialmente aquele formado por amadores, é uma tarefa árdua que exige tempo de estudo e prática. É necessário, antes de tudo, experimentar e dominar a técnica em seu próprio corpo, uma vez que, além de ensinar canto, a voz do regente deve demonstrar a sonoridade esperada com qualidade e saúde vocal. O autor mencionado enfatiza que “seu relacionamento com a

técnica vocal deve ser tão íntimo quanto sua familiaridade com a técnica de regência e com o seu conhecimento geral de música” (FERNANDES, 2006, p. 55). Corroborando tal afirmação Smith e Sataloff enfatizam que

O regente deve reunir um arsenal de ferramentas pedagógicas, inspiração poética, conhecimento histórico e habilidades pessoais para acompanhar os passos da natureza de constantes mudanças do coro. É essencial que os regentes corais aprendam a usar bem suas próprias vozes, e por meio disso formem uma estrutura pessoal de referência para assuntos vocais. Postura, qualidade e som da voz, uso da linguagem e gestual de regência deveriam, cada qual, exemplificar e encorajar bons hábitos vocais. (SMITH; SATALOFF, 2000, p. 9, tradução nossa)

Apesar das amplas discussões a respeito do assunto, percebemos que regentes brasileiros ainda estão divididos em seus posicionamentos quanto à realização do trabalho técnico-vocal junto aos seus coros e, também, no que diz respeito à necessidade de estudar canto para que se tornem bons modelos vocais e, sobretudo “professores de canto” de seus grupos. Há quem considere a técnica vocal descartável e sem importância. Seguindo essa linha, há, ainda, regentes que desconsideram o fato de que técnica vocal não é sinônimo de canto lírico e, por trabalharem com repertórios que incluem exclusivamente música popular, consideram o trabalho técnico desnecessário. Outros, focaram suas formações na regência instrumental e, por tal razão, possuem pouca ou nenhuma experiência em canto, fato que os deixam desconfortáveis com a responsabilidade de lidar com questões vocais, mesmo tendo abraçado a regência coral em algum momento. Para muitos, técnica vocal é sinônimo de aquecimento, se limitando a exercícios que produzem pouco ou nenhum benefício ao desenvolvimento vocal. Há, enfim, regentes apegados ao uso de exercícios determinados ou métodos aprendidos em alguma escola de canto, sem discernir se contribuirão para o desenvolvimento das vozes de maneira eficiente.

Analisando tais posicionamentos, entendemos como nossa função pode esclarecer alguns pontos. Conforme mencionamos e voltamos a destacar: Música coral é Música vocal! Reger um coro implica em trabalhar com vozes. Independente da sonoridade que se busca, é necessário construí-la de maneira saudável, com conhecimento dos processos que envolvem a emissão do som, desde a respiração até a ação dos articuladores, passando pelos modos de fonação. Regentes, ao trabalhar uma obra, acabam por exigir procedimentos que, em grande parte, podem ser resolvidos por meios técnico-vocais. Negar a importância da

técnica de canto para o desenvolvimento de uma prática coral saudável, bem como seu papel na construção do som coletivo é uma atitude irresponsável e evidencia, segundo Amato (2009, p. 190), a extrema carência de regentes em relação ao conhecimento da voz e do canto, essencial ao seu trabalho como educador, ao cuidado com sua própria voz, e, sobretudo à sua função de pedagogo vocal que precisa estar bem informado para cuidar da voz dos outros de maneira consciente. Para Miller,

Um som coral completo só pode ser alcançado quando os cantores dentro do grupo usarem suas vozes eficientemente. É dever do regente coral ensinar os coristas como se tornar cantores eficientes, de forma que as exigências musicais a eles impostas os beneficiem e não os prejudiquem, e assim, a qualidade do som do conjunto seja da mais alta condição possível. (MILLER, 1996, p. 58).

Salientamos que técnica vocal não é o mesmo que “voz empostada” à maneira do canto lírico. A técnica vocal está relacionada à intimidade com o próprio instrumento. Ao contrário dos demais instrumentistas, o cantor é, ao mesmo tempo, instrumento e instrumentista. E para o seu exercício de instrumentista como membro do coro, precisa, antes de tudo, se entender e se conhecer como instrumento. O conjunto de procedimentos utilizados para se cantar desta ou daquela maneira, ou ainda, para se desenvolver esta ou aquela habilidade, é que chamamos de técnica. Desta maneira, há diferentes sonoridades, diferentes procedimentos técnicos e, ainda, procedimentos técnicos que permitem certa flexibilidade para que o cantor possa transitar entre sonoridades e, conseqüentemente, cantar vários estilos. Cabe ao regente dominar a técnica vocal ao ponto de elaborar a preparação adequada, que se relacione com o repertório proposto e evitar a reprodução automática ou, até mesmo, irresponsável de procedimentos que conheceu teoricamente. Se um regente pretende trabalhar uma sonoridade para a música de concerto, é necessário o estudo de canto tradicional. Se sua preferência é por uma “voz popular”, é necessário o estudo do canto popular. O que acreditamos firmemente é que, ao buscar instrução sobre canto e técnica vocal, regentes devem partir de suas preferências estéticas. De fato, a técnica do canto lírico não será adequada à execução de música popular e vice-versa. “É importante que o regente, em se dedicando ao estudo do canto, determine suas prioridades e trabalhe para alcançá-las, procurando conhecer sua própria voz e adquirindo o hábito de

utilizar-se de uma terminologia adequada no treinamento de seus cantores” (FERNANDES, 2006, p. 56).

Conforme enfatizamos, a técnica vocal é um conjunto de procedimentos a serem utilizados na execução do repertório. Técnica vocal também não é sinônimo de aquecimento vocal, embora ela seja trabalhada no momento destinado a ele nos primeiros 15 ou 20 minutos de cada ensaio. No momento do aquecimento, o regente deve estimular a sonoridade pretendida para aquele ensaio ou concerto. Contudo, a técnica acompanhará o ensaio inteiro, sendo utilizada para auxiliar na performance, especialmente nos trechos em que há aspectos musicais que necessitarão dela. Behlau (2010, p. 342) afirma que geralmente os regentes utilizam um aquecimento que aprenderam de alguém ou que desenvolveram de acordo com a sua vivência prática. É fundamental que analisem se os exercícios pretendidos obedecem à uma sequência fisiológica adequada e se são suficientes para preparar o coro para a execução do repertório.

Diante do exposto, defendemos que o aprendizado do canto e da pedagogia vocal deve fazer parte da formação de regentes corais. O regente não precisa ser um exímio cantor, mas acreditamos ser imprescindível que ele estude canto continuamente, conheça as suas possibilidades vocais e as de seus cantores (com todas as particularidades da faixa etária do coro), tenha noções básicas de fisiologia vocal e corporal, e, ao realizar o preparo vocal, utilize uma terminologia apropriada e uma pedagogia eficaz.

Aceitando-se a premissa de que música coral é música vocal, as qualificações exigidas de um regente coral devem ser direcionadas. É suficiente ser um bom musicista, ter qualidades de liderança, possuir habilidades como um organista ou pianista, ou ser musicologicamente bem informado? Não é necessário ser um cantor profissional para ser um bom professor de canto, mas é necessário que se alcance um bom nível de proficiência técnica com o seu próprio instrumento. Da mesma forma, não é necessário ao regente coral ser um cantor, mas ele ou ela deveria estar apto a conduzir os coristas a uma proficiência vocal. (MILLER, 1996, p. 58)

Para Smith e Sataloff (2000, p. 9), o regente deve reunir um arsenal de ferramentas pedagógicas, inspiração poética, conhecimento histórico e habilidades pessoais para auxiliar o coro a crescer e acompanhar este desenvolvimento constante. Segundo os autores,

É essencial que os regentes corais aprendam a usar bem suas próprias vozes, e por meio disso formem uma estrutura pessoal de referência para assuntos vocais. Postura, qualidade e som da voz, uso da linguagem e gestual de regência deveriam, cada qual, exemplificar e encorajar bons hábitos vocais.” (SMITH e SATALOFF, 2000, p. 9)

Sobre a condução de trabalhos à frente de coros infantis, Rheinboldt (2018, p. 41) enfatiza que

Em seus exemplos vocais, o regente evite cantar com portamentos desnecessários, respirações e pronúncias incorretas e esteja ciente de que o coro imitará com exatidão as referências vocais e musicais que receber. Os exemplos vocais e a condução do preparo vocal devem ser fiéis aos ideais sonoros almejados e a proficiência em canto possibilita ao regente esta coerência. (RHEINBOLDT, 2018, p. 41)

Rehder (2008, p. 206) corrobora essa afirmação, defendendo a importância e responsabilidade do regente frente à sua própria performance vocal, uma vez que ela tende a ser imitada pelos integrantes do coro, ainda que isso não tenha sido solicitado explicitamente. Para que o desempenho do regente seja adequado, ele precisará ter a habilidade de exemplificar, com sua própria voz, diversos tipos de emissão. O autor ainda ressalta que problemas de emissão, postura e respiração tendem a ser imitados pelo coral.

Destacamos aqui a consciência a respeito da corporeidade como um dos fundamentos da técnica vocal, sendo o corpo instrumentalizado para a arte vocal como uma unidade (psicofísico-emocional). Souza (2019, p. 46) afirma que a voz depende diretamente do ar para ser produzida e toda a musculatura necessita ser treinada, a fim de produzir o som almejado. Entretanto, para tal, o cantor deve, antes de tudo, tomar consciência de sua corporeidade, ou seja, concretizar a meta de transformar o corpo em instrumento musical. Amato (2011, p. 1453) afirma que tal desconsideração, relativa aos cuidados com o corpo, acaba por provocar, inclusive, problemas na interpretação realizada pelo cantor, nos âmbitos físico (por exemplo, a postura inadequada que influi no esforço realizado na emissão e na projeção vocal) e psicológico (quando o cantor despreza seu principal instrumento, a voz, não se importando em cometer abusos que a prejudiquem).

Como construir um fraseado, respiração interpretativa, *legato*, se o regente nunca os fez? Todo texto, em sua maioria poético, carrega consigo um afeto. O coro precisa respirar tendo em mente a emoção da qual o texto é portador, para que haja uma

identificação aprofundada com o significado do que se está dizendo. É necessário, ainda, colorir e dar vida à obra vocal, sendo essa uma das grandes funções do canto coral.

O coral amador ainda dependerá mais efetivamente dos modelos vocais demonstrados pelo regente, já que, em sua maioria, os integrantes não terão conhecimento e vivência musical suficiente para compreenderem nuances de fraseado, articulação, dinâmica, e interpretação como *legato*, *stacatto*, *pianíssimo*, *mezzoforte*, *rubato* etc., tão comuns ao discurso cantado. O mais usual é que o regente demonstre (cantando) qual o tipo de emissão que espera do coral naquele determinado trecho musical (FIGUEIREDO, 2006, apud GONÇALVES e SILVÉRIO, 2009, p. 1).

Conforme já mencionado anteriormente e, com base na afirmação supracitada, regentes precisam ter uma prática vocal, estudando canto com bons professores e, se possível, cantando em coros. Só a vivência enquanto intérprete de diferentes repertórios permitirá que o regente-cantor-professor se aprofunde na execução de diferentes desafios técnicos, e, ainda, na construção do personagem que assume diante de seu grupo, o que implica intimidade com o texto e contexto histórico-musical.

A prática de aulas de canto é elencada por muitos autores como um aprimoramento essencial para cantores e regentes de coral e devem, de preferência, durar anos. Com aulas de canto, o profissional desenvolve potencialmente todo seu mecanismo vocal, o que propicia uma melhor qualidade de voz cantada sem esforço. Alguns autores comentam ainda que aulas de canto também desenvolvem o controle da passagem e da intensidade da voz. (Behlau e Rehder, 2005, p. 214)

O coro expressa o texto ou canta notas? É função do regente conduzir seus cantores ao domínio da interpretação e da expressividade. Segundo Thurman e Welch (2000, p. 174), o canto expressivo e eficiente pode ser aprendido e levado a um nível de notável maestria, quando os professores e regentes têm profundo conhecimento sobre vozes, seu uso eficiente, sobre saúde vocal e os meios apropriados para facilitar a aprendizagem: o que podemos compreender como Pedagogia Vocal. De fato, a expressividade e a interpretação são, na verdade, um dos fins maiores da atividade do regente e, neste contexto, a técnica é apenas um canal, por meio do qual os cantores poderão expandir seu potencial expressivo. Segundo Fernandes (2006, p. 53), a execução de uma obra coral depende, entre outros aspectos, “das qualidades técnico-vocais do coro moldadas pelo regente que, assumindo sua função de intérprete, deve conceber sua própria

visão da obra, expressando-a através da sonoridade resultante deste processo”. O autor ainda enfatiza que “conhecendo a pedagogia vocal, regentes podem trabalhar efetivamente para desenvolver nos cantores uma maior habilidade vocal, facilitando a tarefa de interpretação de repertórios diversificados”.

No tocante ao trabalho expressivo, Kirchhoffe (op. cit. Harris, 2001 apud Junker, 2013, p. 248) afirma que somente quando o regente for honesto na expressão de sentimentos e no compartilhar dos mesmos é que o grupo responderá da mesma forma. Afinal, “antes de comunicar a obra ao público, ele deverá comunicá-la aos cantores” (FERNANDES, 2009, p. 52). Neste sentido, Carter (2005, apud Junker, 2013, p. 250) defende que “a verdade repousa em nossas faces”. O autor afirma que a plateia pode “ler”, através de nossas expressões faciais e olhos, mesmo que tentemos fingir com o fim de beneficiá-los. Eles têm a capacidade de reconhecer os mínimos sinais não verbais que comunicam sinceridade ou falsidade, e percebem quando o coro verdadeiramente consegue conectar as palavras da música. E porque eles sabem, aliado a outros indícios sutis em nossas faces, eles ainda podem discernir se a alegria no rosto é real ou simulada, total ou incompleta, geral ou específica.

Como regentes, nosso desejo é que os coros aprendam a comunicar ao público os vários elementos musicais, estéticos e textuais que estão nas partituras que executam de maneira sincera e eficaz. Assim, todo fundamento de ensaio e de técnica vocal deve ser dedicado a essa proposta. O som do coro é importante na medida em que pode contribuir com a comunicação. Ademais, “ter o som de um coro na mão é uma experiência insubstituível, ainda mais quando eu tenho a consciência de que esse som é o resultado do meu trabalho, da lenta construção de uma idéia interpretativa e de uma sonoridade” (FIGUEIREDO, 2006, p. 4).

Concluindo, enfatizamos mais uma vez que, uma vez que o resultado sonoro de um grupo coral depende de seu desenvolvimento técnico-vocal, é fundamental que regentes se conscientizem de seu papel de modelo vocal e assumam sua função de “professores de canto”, se preparando para tal e instruindo seus cantores a respeito dos vários fundamentos da técnica vocal. A criação e desenvolvimento do som coral deve acontecer de maneira saudável e responsável já que, em geral, cantores corais são amadores e, ao passarem a integrar um coro, não trazem consigo um conhecimento técnico sólido.

Referências

BEHLAU, Mara (Org.). Voz: O Livro do Especialista. Volume II. Rio de Janeiro: Revinter, 2005. 576 p.

BEHLAU, Mara Suzana; REHDER, Maria Inês Beltrati Cornacchioni. Perfil vocal de regentes de coral do estado de São Paulo. Rev CEFAC, São Paulo, v. 10, n. 2, p. 206-217, 2008. Disponível em <https://www.scielo.br/j/rcefac/a/tZsxcZmZ9SkLyMzfSVf6SYj/?format=pdf&lang=pt>

FERNANDES, Angelo José. *O regente moderno e a construção da sonoridade coral: uma metodologia de preparo vocal para coros*. Campinas, 2009, 511p. Tese (Doutorado em Música). Universidade Estadual de Campinas. Instituto de Artes. Campinas, 2009.

FIGUEIREDO, Carlos Alberto. et al. Ensaio: olhares sobre a música coral brasileira. Rio de Janeiro: Centro de Estudos de Música Coral, 2006. 143 p.

FUCCI-AMATO, Rita de Cássia. A importância da regência coral e da expressão vocal cantada para a (re)qualificação do educador musical. In Congresso Nacional da Associação Brasileira de Educação Musical, XVIII e Simpósio Paranaense de Educação Musical, 15º. 2009, Londrina. Anais do Congresso da ABEM. Londrina, 2009. p. 189-195. Disponível em http://abemeduacaomusical.com.br/sistemas/anais/congressos/Anais_abem_2009.pdf

FUCCI-AMATO, Rita de Cássia. A voz do maestro: um regente coral precisa saber cantar? In Congresso da Associação Nacional de Pesquisa e Pós-Graduação em Música, XXI. 2011, Uberlândia. Anais dos Congressos da ANPPOM. Uberlândia: 2011. p. 1451-1457. Disponível em http://anppom.org.br/anais/anaiscongresso_anppom_2011/ANAIS_do_CONGRESSO_ANPPON_2011.pdf

GABORIM-MOREIRA, Ana Lúcia Iara. A pedagogia vocal na regência coral infantojuvenil: conceitos e reflexões. In Congresso da Associação Nacional de Pesquisa e Pós-Graduação em Música, XXVI. 2016, Belo Horizonte. Anais dos Congressos da ANPPOM. Belo Horizonte: 2016. p. 1-11. Disponível em https://anppom.org.br/anais/anaiscongresso_anppom_2016/4267/public/4267-14234-2-PB.pdf

GONÇALVES, Lílian Sobreira; SILVÉRIO, Kelly Cristina Alves. Aspectos vocais de regentes de corais adultos amadores. In Congresso da Associação Nacional de Pesquisa e Pós-Graduação em Música, XIX. 2009, Curitiba. Anais dos Congressos da ANPPOM. Curitiba: 2009. p. 66-69. Disponível em https://anppom.org.br/anais/anaiscongresso_anppom_2009/XIII_Educacao_musical.pdf

HEFFERNAN, Charles W. Choral music: technique and artistry. Englewood Cliffs: Prentice-Hall, 1982.

JUNKER, David B.; Coleção Panoramas da Regência Coral: Técnica e Estética. Brasília: Escritório de Histórias, 2013. 275 p.

MILLER, Richard. On the art of singing. Oxford: Oxford University Press, 1996.

RHEINBOLDT, Juliana Melleiro. Preparo vocal para coros infantis: considerações e propostas pedagógicas. Campinas, 2018. 178 p. Tese (Doutorado em Música). Universidade Estadual de Campinas. Instituto de Artes. Campinas, 2018.

SMITH, Brenda & SATALOFF, Robert Thayer. Choral pedagogy. San Diego: Singular Publishing Group, 2000.

SOUZA, Laura Cirne de. Yoga e voz cantada: aplicação de técnicas do Yoga na pedagogia vocal. Campinas, 2019. 185 p. Tese (Doutorado em Música). Universidade Estadual de Campinas. Instituto de Artes. Campinas, 2019.

THURMAN, Leon; WELCH, Graham (orgs.). Bodymind and voice: foundations of voice education. London IA: National Center for Voice and Speech, 2000.